

Jornada de Início de Ano | 26 de setembro de 2020

Vês só aquilo que admiras



COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

Vês só aquilo que admiras

*Jornada de Início de Ano dos adultos
e dos estudantes universitários
de Comunhão e Libertação
Por videoconferência, 26 de setembro de 2020*

COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

© 2020 Fraternidade de Comunhão e Libertação
para o texto de Julián Carrón
© 2020 Fundação Meeting para a amizade entre os povos para o texto da
entrevista de Fernando de Haro a Mikel Azurmendi

Tradução do italiano de Maria Ramos Ascensão

Na capa: William Congdon, *Virgo Potens*, 1985
Óleo sobre tela cm.90x75

© The William G. Congdon Foundation, Milano - Italy
www.congdonfoundation.com

*Jornada de Início de Ano
Por videoconferência, 26 de setembro de 2020*

Introdução por Julián Carrón

Deus não pode fazer nada sem uma abertura nossa, sem uma disponibilidade nossa. Começamos, pois, este gesto pedindo-a ao Espírito, pedindo que leve a bom termo a disponibilidade que nos levou hoje a participar neste momento juntos, ainda que distantes fisicamente.

Vinde, Espírito Santo

Encontramo-nos em plena travessia de uma situação cuja duração ainda não podemos prever. Quantas vezes, nos últimos meses, fomos obrigados a rever as nossas previsões, a ter em conta os dados que nos mostravam o nosso erro de perspectiva! É por isso razoável que tenhamos uma certa apreensão com a «incerteza» de que Mario Draghi falou no Meeting.

As notícias estão cheias de novas incógnitas – aqui em Itália, de onde falamos, e em toda a parte. Pensemos na questão da escola e da universidade, na situação económica e nas repercussões que irá ter sobre o desemprego e sobre a sobrevivência das empresas. Quanto ao Covid, o facto de, como sublinham os virologistas, poderem acontecer reinfecções – como acontece também com outras doenças infecciosas – «lança

uma sombra sobre a eficácia das vacinas». Ou seja, não podemos sequer confiar no poder resolutivo de uma vacina. Não estamos protegidos, continuamos expostos ao risco de contágio.

A este panorama vêm juntar-se outros fenómenos, talvez ainda mais preocupantes. Há a violência gratuita que domina as notícias, uma violência terrível, que nos faz refletir. E há uma cada vez mais difundida incapacidade de reconhecer aquilo que acontece – mesmo quando se trata de uma realidade evidente como o Covid –, que conduz ao negacionismo mais irrazoável em sociedades ditas evoluídas.

São tudo sintomas de uma *causa obscura*, que nos devora por dentro, e precisamente por isso nos deixa cada vez mais inermes, incapazes de reação, de resposta eficaz: ela pode assim prosseguir com o seu trabalho de destruição no mais profundo de nós, como um vírus, enfraquecendo ainda mais um eu já bastante fraco. Há quem comece a ter a coragem de chamá-la (à tal “causa obscura”) pelo seu nome: *niilismo*, uma «espécie de intimidade com o nada» – escrevia recentemente o vicediretor do *Corriere della Sera*, Antonio Polito –; é um niilismo que «perdeu a força intelectual de se bater contra os valores, é menos ambicioso, assume muitas vezes o rosto de uma “vida normal” [...]. É descartável».¹

O medo profundo que nos assalta com cada vez mais força é o principal dos seus sintomas. A confirmação mais evidente deste niilismo que se espalha cada vez mais são, paradoxalmente, precisamente os seus negacionistas – os “negacionistas do nada” –, incapazes,

¹ A. Polito, «La violenza nichilista tra i giovani», *Corriere della Sera*, 17 de setembro de 2020.

como os negacionistas do Covid, de enfrentar a realidade devido ao medo louco de olhá-lo de frente. E é devido à graça que nos aconteceu que nós podemos ousar olhar para ele.

Perante esta situação, temos de decidir entre a tentativa de atacar os sintomas, como quem tenta resolver o problema propondo controlar o medo, e o compromisso de ir à origem destes, para desmascarar a sua proveniência e neutralizar-lhes, assim, o poder.

Com a sua desfaçatez, os jovens provocam-nos sempre, impedindo que nos contentemos com respostas insuficientes. «Existe em todos eles – escreve um professor – a desconcertante fome de sentido [que responda ao seu vazio] que me foi este verão atirada à cara por uma rapariga: “Professor, é preciso que haja alguém que nos comunique, a nós jovens, o sentido da vida, o gosto pelo quotidiano”. E acrescentou: “É preciso alguém que mostre que se pode não ter medo das exigências de sentido, de felicidade”».

Exigências deste tipo fazem-nos perceber o drama que se vive: é uma luta entre o ser e o nada, entre o gosto pelo quotidiano e o vazio que nos agarra por dentro. Se não o levarmos a sério, seremos nós as próximas vítimas, se é que não o somos já, desse niilismo desenfreado.

Para descrever em termos sintéticos a natureza desta luta entre o ser e o nada, temos usado muitas vezes uma expressão de Nietzsche, que representa uma consequência extrema do *seu* niilismo: «Não há factos, apenas interpretações».² A repercussão em nós desta posição é

² Cf. F. Nietzsche, *Frammenti postumi 1885-1887*, in Id., *Opere*, Adelphi, Milão 1975, vol. VIII, fr. 7 (60), p. 299.

o oscilarmos entre mil interpretações, sem sabermos distinguir qual delas acolhe lealmente os factos e se submete à autoridade da experiência. Nenhum facto nos “prende” a ponto de nos fazer sair da equivalência das interpretações. Parece tudo igual.

Existe alguma coisa capaz de desafiar este axioma: «Não há factos, apenas interpretações»? Existem factos capazes de desafiar a avalanche indistinta de interpretações, que valem todas o mesmo, pela qual somos soterrados nesta sociedade da “informação”? Onde pode aquela rapariga, ou cada um de nós, encontrar algum indício que lhe permita reconhecer a vitória do ser sobre o nada?

Como dei por mim a repetir nestes meses em diversas ocasiões, o caso mais emblemático é o do cego de nascença curado por Jesus – vem-me sempre à cabeça .

Ora, a história do cego de nascença que adquire a vista é um evento. «Eu era cego e agora vejo»,³ como ele repete sem cessar. Assim que acontece o facto, desencadearam-se todas as interpretações possíveis e imagináveis, da família, dos vizinhos, dos fariseus. Espanta-nos que, depois do milagre, Jesus não tenha tido medo de o deixar sozinho no meio da confusão destas interpretações! Mas o cego não se confundiu nem por um minuto, não teve a mínima dúvida sobre o facto que lhe aconteceu, não foi arranhado nem um milímetro pelas interpretações que não tinham a ver com o evento.

Mas, atenção: o cego de nascença não alinha imediatamente com Jesus. Em primeiro lugar, adere à realidade, alinha-se com o facto, é leal ao evento: «Eu era cego e agora vejo». É esta evidência da verdade que en-

³ Cf. Jo 9,25.

contra espaço nele, que resplandece nele – «eu era cego e agora vejo» –, que o faz alinhar depois com Jesus. Mas a escolha do cego de nascença não é uma escolha ideológica, não é o tomar um partido, pois é o reconhecimento da evidência de ver que o leva a reconhecer-l'Ó. O cego curado não é um maníaco intransigente que quer impor a sua interpretação, é o único que não espezinha o facto (agora vê, e isso aconteceu através daquele homem chamado Jesus), um facto que todos os outros querem negar para impor a sua ideologia sobre a evidência da realidade. A ideologia é aquela interpretação que elimina os factos à força de preconceitos, de alguma coisa a defender.

N'Ó *brilho dos olhos*⁴ tentei oferecer uma hipótese de resposta ao niilismo⁴ que hoje transborda por todo o lado.

Todos fomos chamados a fazer a verificação daquela hipótese. Durante o verão, nos gestos em que, de uma forma ou de outra, participámos, na intervenção de uma pessoa ou de outra, no seu modo de estar na realidade, pudemos ver vencer o ser ou o nada, o gosto pelo quotidiano ou o vazio. Cada um de nós pôde verificar o que é que gerou em si tudo aquilo que via e ouvia, o que o fez saltar, o que o despertou, arrancando-o ao nada, e o que é que, pelo contrário, não deixou marcas em si, deixando-o vazio como antes. Podemos discutir sobre isto ou sobre aquilo, mas a diferença entre uma coisa e outra é evidente: quando estamos diante de alguma coisa que é capaz de mudar a vida (como mudou a do cego de nascença), não há comparação possível.

⁴ J. Carrón, *O brilho dos olhos. O que é que nos arranca do nada?*, Fraternidade de Comunhão e Libertação, Lisboa 2020.

Este verão foi-nos oferecido um testemunho excepcional, devido à autoconsciência que expressa e à consciência daqueles passos que muitas vezes podem passar despercebidos. Trata-se do testemunho de Mikel Azurmendi, entrevistado por Fernando de Haro para o Meeting de Rimini. Desde que o ouvi, fiquei com vontade de o rever juntamente com todos vocês, de o indicar a todos, de o partilhar com todos. Que melhor ocasião do que a Jornada de Início de Ano?

O que mais impressiona, acima de tudo, nesta entrevista, que alguns de vocês já terão visto, é a naturalidade com que Azurmendi conta o percurso que fez desde que esbarrou num facto simples, uma contingência muito particular: um programa radiofónico de um jornalista desconhecido, ouvido de madrugada numa cama de hospital. É impressionante a lealdade com que um homem que já ultrapassou os setenta anos, um grande sociólogo, acolheu aquele primeiro golpe, que desencadeou o processo que daqui a pouco ouviremos o próprio descrever. Parece-me ser uma prova de como, nestes tempos em que o niilismo avança, uma pessoa pode dar-se conta – quando acontece – de uma experiência diferente, daquilo que não é niilismo, e pode espantar-se por o derrotar simplesmente seguindo a primeira evidência, por mais subtil que seja, daquela diferença. Bastou esta brecha para fazer desabar a barragem.

Foi um imprevisto. Azurmendi descreve-o assim: «Não estava à espera de encontrar nada disto na minha vida. Foi uma grande surpresa. Totalmente fora do normal. Fiquei surpreendido, disse a mim mesmo que valia a pena ouvir, pouco a pouco, entrei num estado emocional de admiração. [...] A admiração é um mo-

vimento que te leva a identificares-te com o que mais gostas, porque não estavas à espera».

Foi a admiração que ditou o método do caminho feito por Azurmendi, que pode ser resumido no título desta Jornada de Início: «Vês só aquilo que admiras». Seguir esta admiração por um jornalista desconhecido que falava na rádio, e depois por tantas outras pessoas que encontrou depois dele, levou-o a colocar em discussão o dogma da sociologia, aquele dogma segundo o qual não se deve estabelecer uma comunhão com o objecto que se estuda, porque se viola a lei da neutralidade do observador – que seria necessário respeitar para conhecermos. Azurmendi teve de se libertar progressivamente de todos aqueles filtros, de todas aquelas “palas” que o seu ofício de professor o fizera acumular. «Dizia-me: “Tinha isto ao alcance da mão, por que não olhar? Isto tem de ser explicado”». Vês só aquilo que admiras. Vês – dás-te verdadeiramente conta, olhas, percebes – só aquilo que te toca («*affici aliqua re*»), te atrai, te prende. Os olhos só se abrem quando acontece um determinado encontro.

Para explicar aquilo que viu, escreveu *O Abraço*,⁵ que será o próximo livro do mês: «O meu problema ao escrever este livro era que eu queria mostrar que aquilo que eu via me causava surpresa e muita emoção. Mas queria também mostrar por que é que eu não vi isso». O vídeo que iremos ver daqui a pouco e o livro *O Abraço* mostram-nos um testemunho confiável, que nos ajuda a perceber por que é que nós não vemos – tal como ele não via antes de um determinado encontro –

⁵ M. Azurmendi, *L'Abbraccio. Verso una cultura dell'incontro*, Bur, Milão 2020.

e acabamos no nada, tal como ele tinha acabado no nada da ideologia.

Na sua idade e com a sua história, tornou-se *disponível* para olhar (das escolas à caritativa, das famílias aos grupos de Fraternidade) para tentar estabelecer «os nexos causais e temporais do meu espanto» – diz – e retirar as consequências disso. Deu-se conta, assim, de tudo aquilo que estava diante dos seus olhos e que ele não via.

«Esta vida tão bonita que eu queria ter vivido, o estilo de vida desta gente, feito de dedicação, de alegria, este estilo de vida como é que é possível?», interroga-se Azurmendi. E acrescenta: «Podes ter um clarão. Há pessoas espetaculares, maravilhosas, que têm como que clarões, mas depois decaem». Por isso conclui: «Só há uma explicação para este facto: que o que te dizem é verdade, que a verdade é verdadeiramente verdade em ação. [...] A verdade produz vida. Este estilo de vida é produzido por alguma coisa: dizem que é Jesus Cristo. [...] Estas pessoas são aquelas que o seguem. E então tu somas dois mais dois. E dizes: “Tenho de acreditar nisto, este é o Jesus vivo em que eu creio”. Em Deus eu não teria acreditado. [...] Há um momento em que és obrigado a perguntar-te: “Como é que podem enganar-se todos juntos ao mesmo tempo?”. Também os inimigos sabiam. E não O conheciam. João e André andavam com ele, mas não O conheciam».

Portanto, vamos vê-lo e ouvi-lo juntos.

O ABRAÇO

Transcrição da [entrevista televisiva](#) com **Mikel Azurmendi**, realizada por Fernando de Haro para o Meeting 2020 Special Edition, por ocasião da publicação do livro BUR Rizzoli *L'Abbraccio*.



Fernando de Haro. *Azurmendi, Mikel!*

Mikel Azurmendi. Fernando, como estás?!

– *Passado tanto tempo, passado tanto tempo, finalmente!*

– O que me contas de ti? Nada de abraços ou coisas do género.

– *O abraço é este aqui. O abraço não é possível.*

– Como estás?

– *Bem, feliz por estar aqui, tens tudo muito bem cuidado.*

– É o trabalho, é importante o trabalho.

– *Isto é uma horta.*

– É uma pequena, aqui perto de casa. Tenho outra, com tomates. Se quiseres vê-los, vamos vê-los à tarde, fica do outro lado da estrada.

– *Vamos falar d’ O Abraço?*

– Vamos.

– *Vamos falar das primeiras páginas... as primeiras páginas deste livro quase que se podiam ouvir, mais do que ler.*

– Sim, são para ouvir...

[Fernando de Haro dá a ouvir, no telemóvel, a gravação de um excerto dum programa seu de rádio:]

– *Para acabar escolho uma fotografia que aparece nas páginas internas de La Vanguardia.*

– Este é o jornalista Fernando de Haro, na Cope, desde as 6h30 da manhã, pouco antes de acabar, às 8h20.

[continua a gravação] «... e diante da parede uma mulher de cor, vestida com um colete preto. A mulher chama-se Rita, cobre o rosto com as mãos...»

– Onde é que estavas quando ouviste isto?

– Na cozinha. De manhã levanto-me às 6 ou às 6h30, e aos fins de semana oiço este jornalista que mais tarde vejo que se chama Fernando de Haro. E não sei quem é.

– Não nos conhecíamos, nessa altura.

– Não nos conhecíamos, eu tinha-te ouvido no hospital. Estava no hospital...

– Por que é que estavas no hospital?

– É uma longa história, que remonta a 2014, há seis anos. Sofro de artrite nas mãos..., por isso trabalho... para não perderem a força... e recomendaram-me algumas injeções, seis injeções. Na quarta tive um colapso. Estas injeções não deviam ser usadas sem um controle dos pulmões a cada punção, e eu já tinha feito quatro. Não conseguia andar, não conseguia vir até aqui... era dia 7 de julho e decidi ir para o hospital para morrer. E disse ao meu filho (agora o meu filho não está aqui, mas naquela altura estava): “Leva-me para o hospital, vou morrer”, e fiz-lhe um apanhado da situação: “Não devo nada a ninguém, a casa está paga”. No hospital disseram-lhe quatro noites seguidas que eu não ia passar daquela noite. Mas passei. Queria morrer e fiz bastante para morrer. No hospital tinha este telemóvel, vou-te mostrar... e ouvi-te num sábado de manhã, dormia pouquíssimo. Agora durmo um pouco mais. Ouvi e disse para mim mesmo: isto interessa-me. E todos os sábados e domingos, de 2014 a 2017, ouvi-te, todos os sábados e domingos. Sei perfeitamente o que tu pensas. Sei o que pensas da realidade, das notícias acerca da realidade, e o que pensas de ti próprio dando as notícias sobre a realida-

de. São três aspectos importantes. Interessava-me tudo isso, e continuava a ouvir-te. Ouvia-te na cozinha, onde tenho um rádio pequeno.

– *O livro começa com algumas daquelas imagens que eu comentava...*

– Foi assim que comecei...

– *Foi por isso que começaste o livro assim...*

– Comecei assim, mas quando comesas de uma determinada maneira não sabes porque o fazes assim... ou talvez sim, de qualquer forma custou-me muito começar a escrita do livro. Tinha tomado apontamentos durante um ano e meio, e decidi escrever um livro sobre esta tribo tão especial. Não estava à espera de encontrar nada disto na minha vida. Foi uma grande surpresa. Totalmente fora do normal. Fiquei surpreendido, disse a mim mesmo que valia a pena ouvir, pouco a pouco, entrei num estado emocional de admiração.

– *Antes de me explicares a admiração, por que não me mostras a outra horta?*

– Vamos vê-la...

A surpresa de uma pessoa, este facto surpreendente, que encontra alguma coisa ou alguém, ou um livro... e quando vê que pode ser interessante para ela, torna-se admiração. A admiração é um movimento que te leva a identificares-te com o que mais gostas, porque não estavas à espera. É o imprevisto. Há milhares de escritos sobre isto. A admiração é o que te a leva estar de acordo com o que encontres, porque queres ser isso, queres ser essa coisa.

– *O mais surpreendente do livro é que tu, que sempre foste sociólogo, antropólogo, que fizeste grandes estudos...*

– Sim.

– *Lembra-te de El Ejido, os imigrantes, etc... Aqui mudas de método. O dogma da sociologia é que não se pode*

estabelecer uma comunhão com o objeto que se estuda. Já tu, a certa altura, talvez devido à admiração, violas a neutralidade do observador.

– Exatamente. A sociologia, de Durkheim e Weber, diz que em relação ao homem é preciso posicionar-nos cientificamente, quantificar e objetivar o mais possível; o máximo é a quantificação. É por isso que se desenvolvem tanto as estatísticas, só por isso. É acreditar... é a convicção, partilhada por Durkheim e por outros, de que explicar o homem é a mesma coisa que explicar um mineral, de que os factos do homem são da mesma categoria dos factos do mundo, dos factos sociais. Eu decidi explicar estritamente o que estava a acontecer diante de um olhar atordoadado. Todos os outros não querem ver aquilo que acontece. Dizia-me: «Tinha isto ao alcance da mão, por que não olhar? Isto tem de ser explicado». Qualquer sociólogo tem de explicar por que é que a determinado momento olhou para isto, quando o tinha à sua frente todos os dias. Só podes olhá-lo quando o admiras, quando pensas que ali há algo de bom para ti. O homem tem sempre um interesse quando olha, e assim também o sociólogo. O sociólogo olha para ver aquilo que quer ver. O que eu decidi fazer, é isso o livro *O Abraço*, foi identificar os nexos causais e temporais do meu espanto. Comecei por ti porque foi a explosão, como o cavalo de Saulo. A queda do cavalo, ou o manto de São Martinho, que dá ao pobre... Há uma “queda do cavalo” que é ouvir uma coisa. É um encontro contigo, sem interposta pessoa, com a tua voz... pode ser um livro, pode ser qualquer coisa. Eu disse: «Gosto, gostaria de ter esta opinião diante das coisas que acontecem, por que razão não a tenho?»

- *Começas a fazer uma comparação.*
- Começas a dizer: «Por que é que eu não tenho esta opinião?», e então começo a recompor o meu eu e a identificar os limites do meu eu, de onde te vou olhar e ouvir-te. Isso, um sociólogo nunca o irá fazer. Um sociólogo é branco de manhã e preto à tarde, e amanhã amarelo, e à tarde vermelho. Pode mudar. Vê o nosso Presidente...
- *Há mais uma coisa que me chamou a atenção no livro, porque rompe com uma certa inércia. O livro está cheio de nomes, primeiro eu, depois o Javier Prades, depois o Macario. São histórias particulares, das quais tu retiras um conhecimento.*
- São encontros, são encontros...
- *Mas o Iluminismo diz o contrário: para alcançar um conhecimento, é preciso ir ao universal, ao passo que tu vais ao particular.*
- Por que é que tens de ir ao universal?! O universal é uma ficção. Não há um universal em nenhum lugar. Não existe. Tu podes formular hipóteses a partir de experiências que tiveste. Mas são imagens. Eu quis identificar os nexos causais e temporais do meu espanto. O meu objeto seguinte de espanto foi o Prades. O Prades é uma pessoa a quem eu escrevi passados oito anos, em que me mandava um cartão de boas-festas todos os Natais, porque nos tínhamos conhecido em 2002 em Madrid numa mesa redonda sobre a imigração e o multiculturalismo. Escrevia-me e eu nunca respondi, nunca! Depois da minha doença, [propus-me] fazer o bem que ainda podia fazer, e a primeira coisa que fiz foi escrever-lhe, escrevi-lhe pedindo-lhe perdão: «Eu não te escrevi durante oito anos, nunca respondi aos teus cartões, peço-te perdão». Respondeu-me que iria passar por San

Sebastián e que nos podíamos encontrar. Pode parecer banal, mas discutimos sobre o Iluminismo. Tínhamos um ponto de vista convergente, mesmo partindo de ângulos diferentes, ele do lado do conhecimento, eu do lado da ética. Fui professor de ética durante muitos anos na universidade, até ter passado para a antropologia. Com o Prades, encontras uma pessoa que te ouve, que te pergunta... que te surpreende e que por sua vez fica surpreendida, surpreendida com o facto de tu precisares de falar com ele; fica surpreendido por olhares para ele, e isso surpreende-te ainda mais. Tem um olhar que entra dentro de ti e te acalma. Convidou-me para ir a Madrid a um encontro, eu disse à minha mulher, Irene: «Não vou». E ela: «Mas disseste-lhe que ias». Era verdade, tinha-lhe dito que sim... Queria reconciliar-me com aquele homem que me olhava de maneira especial, que me percebia e me ouvia. E fui ao EncuentroMadrid. Para ir tive de me vencer, o que é que eu tinha a ver com os cristãos?

– *E chegas lá, e dizes que parecia a Festa da Humanidade que tinhas visto em Paris.*

– Sim, lembrou-me a *Fête de l'humain*, a Festa da Humanidade... Eu vivi em Paris durante nove anos, antes tinha trabalhado um ano numa fábrica. Estive na Festa da Humanidade de 1970 porque me definia como marxista. Nunca fui do Partido Comunista, mas era próximo dele. Foi no ano do processo de Burgos, e os Partidos Comunistas de Espanha e de França tinham-se espalhado por toda a Europa. Participei de um encontro na Suíça e um na Bélgica, organizados pelo Partido Comunista. Vi o que era o comunismo e nunca simpatizei com aquele partido. E no EncuentroMadrid encontrei a própria humanidade, não a Festa da Humanidade; en-

contrei gente humana, encontrei pessoas que sorriam, que iam e vinham em silêncio. Cumprimentam-se, abraçam-se, ouvem-te, fazem-te perguntas. Crianças que correm por ali... Sorrisos, alegria... Fiquei boquiaberto. Nunca poderia ter imaginado uma coisa assim.

– *Eu, quando comecei a ouvir a tua crítica do Iluminismo no EncuentroMadrid, fiquei impressionado. [Pensava:] «Este homem, que tem na cabeça toda a filosofia moderna e contemporânea, fez uma crítica ao Iluminismo que mais ninguém em Espanha faz».*

– Era o que eu tinha discutido com o Prades. Ele tinha-me dito: «O que tu pensas, di-lo ali!»



– Esta é a praia de Ondarreta, que faz um todo com a de La Concha. As duas são divididas por um promontório chamado Pico del Oro, ali fica o palácio onde nasceu e viveu o Rei Juan Carlos. Este é o primeiro núcleo de San Sebastián. No século XI só existia isto, e havia um convento.

– *Este é o teu bairro, Ondarreta?*

– É o meu bairro. Nasci um pouco mais acima, na Cuesta de Igueldo. O meu pai tinha aqui uma carvoaria. Aqui era a prisão de Ondarreta.

– *Tu entras no Seminário, e aos 22 anos expulsaram-te ou foste-te embora?*

– Expulsaram-me, tinha 21 anos. Fomos seis expulsos, cinco mais outro que veio embora connosco de livre vontade. Mandaram-nos embora sem nenhuma explicação, e eu fui perguntar por que me estavam a mandar embora. E sabes porquê?

– *Porquê?*

– Disseram-me: «Tu disseste que todos os padres têm de saber basco». Eu respondi que sim, e «se não o disse, é o que penso». Este foi o motivo.

– *O que era para ti o cristianismo naquele momento? Algo de conceptual, de doutrinal, de piedoso?*

– Qualquer coisa entre o mítico e o doutrinal, o lado sacramental era mítico, e tudo era um conjunto de regras e confissões, e mais nada. O que chamava a minha atenção era a justiça. O que é a justiça? Por que é que não há justiça? Era a época de Franco, o ano de 1962 ou 63.

– *Tu entras para a ETA em 65, o ano em que eu nasci.*

– Sim, antes tinha trabalhado dois anos numa fábrica. Quando me expulsaram do seminário, o que queria fazer era aquilo a que vocês chamam de «verificação da hipótese». E foi o que fiz. A minha hipótese era a de que era necessária a justiça social, e que isso era impossível sob o regime em que vivíamos. Queria ver como era noutros regimes, no mundo do trabalho. Fui para a Alemanha e para Paris trabalhar na Hutchinson. E em Paris acontece uma coisa incrível, encontrei uma pessoa extraordinária (encontrei três, mas uma era extraordinária) da ETA. Tinha fugido para França depois de um roubo, mas estava decidida a regressar. Fez-me ler Ho Chi Minh, Truong Chinh, Che Guevara... Fiquei fascinado com aquele tipo. Um encontro surpreendente. Eu tinha ido para Paris para estudar, tinha falado com o reitor, não havia problema, estava prestes a inscrever-me, mas mesmo quando estava prestes a fazê-lo os amigos da ETA disseram-me para voltar a estudar em Espanha, eu começava a simpatizar com as ideias deles...

– *E a famosa votação... Julen Madariaga era o teu chefe?*

– Chego aqui e o chefe da ETA, Paxti Iturrioz, man-

da-me trabalhar em Pasajes no verão para constituir uma célula sindical. Trabalho o verão todo como carregador. Nasce uma certa amizade com Paxti Iturrioz. E naquele outono de 1966, vem um de fora, Julen Madariaga, reúne-nos a todos, os de San Sebastián, e diz-nos que o Paxti Iturrioz devia ser morto naquela noite. Estabelecemos uma votação e ele recebe dois votos. Mete a pistola em cima da mesa e diz: «Temos de o matar esta noite». Tínhamos todos um nó na garganta. Tínhamos votado, e ganhou o não por um único voto.

– *E isso marcou-te.*

– Marca-me indelevelmente. Eu entro na organização e a primeira coisa que me pedem para fazer é votar para matar uma pessoa; olho à volta e vi pessoas pusilânimes, não como eu. É terrível quando tu votas para matar uma pessoa. Quem és tu? Tu és obrigado a acertar contas contigo próprio. Alguma coisa não bate certo. Não fugi da ETA, fui-me abaixo, mas não fui à Assembleia, era a quinta Assembleia, a primeira parte; mas um amigo meu, que era o chefe, convidou-me: «Deves ir, deves ir», e assim fui à segunda parte da sexta Assembleia, e saí de lá com um pequeno encargo, suficiente para me fazer largar os estudos, porque me tinha inscrito em Economia. E assim entrei para a ETA. No dia do *Corpus Christi* de 67 fizemos um assalto a uma loja, e no meio da ação, quando estávamos prestes a entrar na loja arrombando a montra, chegou a Guarda Civil e disparou sobre mim. Estavam a dois metros de distância, podia ter sido morto. Fugi para as montanhas e fiquei lá três semanas. Em 69 formamos alguns grupos de revisão da ETA e propusemos que a ETA depusesse as armas e deixasse de matar, porque em 68 tinha acontecido uma coisa muito difícil; o

companheiro que tinha tomado o meu lugar, porque eu tinha fugido, e aquele que eu tinha introduzido na ETA, eles os dois mataram o primeiro guarda civil, José Pardines. Foi em 1968, eu estava em Paris, vejo tudo isto, identifico-me com os mortos. Etxebarrieta morreu porque puxou da pistola e a Guarda Civil dispara sobre ele. E eu penso: «Eu é que devia ter feito aquilo». Na verdade, eu vejo-me a mim mesmo como um assassino.

– *O que significou para ti aquele período? Porque alguns anos depois, aqui no centro de San Sebastián, a ETA mata Gregorio Ordoñez, num restaurante.*

– Foi em 95, tinham passado 30 anos. Eu – para te explicar a questão do Ordoñez – combatia contra a ETA a nível pessoal, com os meus alunos, mas nunca politicamente, publicamente. Fiz algo público quando mataram o Ordoñez, que ia ser o Presidente da Câmara de San Sebastián, o mais votado do Partido Popular; então fizemos uma Assembleia na Universidade, a primeira e única assembleia que já se fez na Universidade do País Basco. Nunca houve uma assembleia além daquela que fizemos no dia a seguir ao assassinato de Ordoñez. Savater é que conta isto, porque a sua mulher estava lá connosco. Éramos cinco professores, e os cinco fomos ameaçados nas semanas seguintes. Mandaram-nos tripas de animais mortos.



– *O Peine de los vientos* de Eduardo Chillida. Chillida vive lá em cima. Diz uma frase lindíssima. O oeste, o leste, o vento entra por ali. Nós chamamos-lhe o «vento galego». Chillida diz que o vento tem de entrar em

San Sebastián penteado. Olha, ali está San Sebastián. As partes só têm sentido no conjunto. Um pente, uma vassoura ou uma escova são um conjunto de pontas que só têm sentido juntas, como o humano.



– *Partindo os ovos...*

– Vou-te preparar uma omelete de bacalhau. Tenho o bacalhau pronto com as cebolas.

– *O bacalhau já está demolhado?*

– O bacalhau primeiro é demolhado e depois junta-se a cebola; e eu ponho um bocadinho de pimento. Há quem faça de outra maneira, mas vais ver, vais comer uma omelete feita como Deus manda.

– *Voltemos ao livro. Tu, que te dedicaste durante muito tempo à educação, visitaste várias escolas de Comunhão e Libertação, e ficaste marcado pela forma de educar. O que é que atraiu a tua atenção?*

– A educação... Nós erámos professores. A primeira surpresa foi que os professores de CL não se consideram professores e não usam a palavra «professores». Para eles, o ponto é educar. Existe uma diferença entre o ensino e a educação. O ensino pode ser transmitido por um robot. Educar é amar o aluno, e eu vi como o faziam. Eu vi o amor, a paixão, a dedicação que punham em tudo o que faziam. Vi num pequeno corredor, na [escola] Kolbe ou na Newman, talvez na Newman: «Tu és um dom». À criança que está a aprender a falar, mais do que a escrever, ensinam que é um dom. Sabes o que isso significa? Ensinam à criança que é um dom, que há outros que também são um dom, que há alguém que nos dá. Isto para eles é essencial. A criança... desta

forma tu podes explicar-lhe o que é a realidade... a sua primeira introdução à realidade, os primeiros passos que dá no mundo... sabe já que é destinatária de um dom. Isso deixou-me siderado. Eu uso pouco sal.

– *Também eu, porque faz subir a tensão.*

– Sob a tensão e baixa a atenção, a *atención*, como dizemos nós, bascos.

– *Outro tema que me impressiona é o da caridade. Quando chegas com a gente de Bocatas, pessoas que cuidam dos toxicodependentes, à Cañada Real, onde estão todos os toxicodependentes... Fui fazer uma reportagem naquele sítio, e é alucinante, porque muitos deles são como fantasmas. E assustamo-nos...*

– Estive lá duas horas, fui com o Macario – ele nunca tinha ido, foi porque eu lhe pedi – e disse-lhe: «Vamos embora daqui, isto é uma coisa absurda, o que estão a fazer aqui, a quem é que estão a salvar?». O conceito de caridade que eu tenho é o de Max Weber, digo isso no livro. Fui buscá-lo a *Economia e sociedade* – é um livro que conheço bem –, fui buscar o parágrafo em que diz que «a caridade é a distribuição de esmola às pessoas». Eu achava que a caridade era isso, dar esmola aos necessitados. E perguntei aos jovens: «O que é que estão a fazer aqui, distribuindo lentilhas a esta gente?». Chega um negro, nem consegue aguentar-se de pé, anda com uma bengala, aqui estava a banca, pega do banco o leite e põe-no na mochila, pega num pacote de biscoitos e vai embora sem levantar a cabeça. Dizem: «Estamos aqui para nos esvaziarmos de nós mesmos». Dá-nos muito que pensar. É preciso falar muito para perceber o que significa esvaziar-se de si mesmo. Esvaziar-se significa estar disposto a ouvir dizer qualquer coisa, e a não dizer nada. Tu estás ali para receber alguma coisa. Se não te

esvazias, não recebes nada. Tens de te esvaziar dos teus preconceitos. Estávamos cheios de preconceitos, eu e tu: «O que é que estamos a fazer aqui?»

– *Pensei a mesma coisa.*

– É isto o preconceito, mas nós não temos de dar nada; tu esvazias-te de ti mesmo. Estás ali, esperas, são necessitados. Jesus fez assim. Esvaziar-se significa estar disposto a ser amado. A que alguém te dê alguma coisa, que te digam uma palavra. Eu sei que houve resultados na *Cañada*, alguns foram recuperados.

– *Mas muitas vezes não há resultados.*

– Não há resultados, na verdade salvaram duas dúzias de pessoas em 24 anos. Mas eles foram salvos. Deram-se.

– *Fazemos a omelete?*

– Vou fazer umas ervilhas, tenho aqui o coelho. Esta panela é para as ervilhas.

– *Vais com um grupo de famílias, com o Ferrán. Tinhas ficado impressionado com a educação, com a caridade, e de repente ficas impressionado com a unidade que existe naquelas famílias.*

– Vejo que estás a seguir os capítulos do livro. Quando estávamos na horta eu queria dizer-te, e não te disse, que o meu problema ao escrever este livro era que eu queria mostrar que aquilo que eu via me causava surpresa e muita emoção. Mas queria também mostrar por que é que eu não vi isso. Tive de juntar os diversos momentos da emoção, do espanto, aquilo a que chamava «admiração». Esta admiração, que pontos temporais tem, porque passei dois anos...

– *Claro, é uma investigação longa...*

– Mas também causais. Tu perguntas-me que coisas me surpreenderam. Digo-o para que se perceba a tua

pergunta, talvez haja pessoas que não leram o livro e se perguntam: «Por que é que pergunta esta coisa?» Eu vi uma data de gente encontrar-se ali. Eu era um deles. A primeira coisa que fizeram na Masía foi pedir-me: «Conta-nos a tua vida. Conta-nos algo de ti». Eu pensava que era uma terapia de grupo. Não era uma terapia de grupo. Percebi o sentido de lhes contar. Isso percebi muito depressa, falando com eles. Não é uma terapia de grupo, é a terapia de Deus. Que terapia! Para explicar uma vida, o primeiro ponto é que tu tens uma identidade.

O Pequeno Polegar não conta a sua própria história, são outros que a contam, mas quando te dizem que deves contar, tu contas a tua vida. O problema é de identidade, se és capaz de contar uma história unitária de ti mesmo desde a infância até hoje. O grande problema da identidade, como o demonstrou a sociologia, é que a pessoa, depois de Sartre, tem dificuldade...

– *Em manter uma continuidade na identidade...*

– Porque a pessoa acha que é dona de si mesma, que tem as suas próprias preferências, que é dona de si mesma e faz sempre o que lhe interessa, o que satisfaz aquilo que deseja. E a cada momento muda, passando de uma coisa para outra. Todos sabemos isso perfeitamente. O problema é em primeiro lugar o que une todas as nossas mudanças de comportamento num único eu, que todas estas diferenças de comportamento têm a ver comigo: este “eu” sou eu, e eu sou dono de mim e respondo por mim e pelo que fiz. E, segundo, eu posso fazer uma transição da infância à juventude e da juventude até este momento. E eu sou o mesmo. Eu sou eu mesmo, ainda que não seja o mesmo porque mudei.

– *Mas há uma continuidade do eu.*

– A continuidade reside no facto de que eu sou o dono das mudanças do meu comportamento. Porque no fim o eu é isto, os comportamentos.

– *Não a abstração.*

– Eu vi isso perfeitamente ali. E vi por que o fazem; tu percebes por que o fazem. Fazem-no porque existe Deus. É curioso, também vi isso num casamento; perguntei a um casal: «Entre vocês, marido e mulher, o que é que existe?» E dizem-me: «Existe Deus». Pedi explicações aqui e ali, e vêes que Deus é sempre o elemento que pode unir duas vidas.

– *Por que é que, a certa altura, enquanto estás nessa batalha, te lembras de Wittgenstein? Tu estudaste muito Wittgenstein, e no livro, a certa altura, citas uma passagem dos Diários de Wittgenstein em que ele diz: «A não ser que Deus me visite». Por que é que te lembras de Wittgenstein enquanto ainda estavas no meio da luta?*

– Para mim, Wittgenstein foi uma das quatro ou cinco pessoas mais importantes do século XX. Um mestre. Tinha tudo. Renunciou ao dinheiro e à fama, e foi para uma terrinha da Suíça para ensinar, era uma pessoa extraordinária. Os seus tratados, as reflexões filosóficas... Li três vezes, se não mais, *A beleza desarmada* de Julián Carrón e encontrei as citações dos *Diários* de Wittgenstein: o que queremos mais do que a redenção! Onde está? Mas, diz, estamos aqui, sentados na nossa mesinha, recebemos luz da clarabóia, um pequeno raio, olhas para ele, é um sinal do absoluto a que querias subir, mas continuo concentrado nas coisas terrenas. E aqui me detenho, a não ser que Deus venha e me ilumine. Percebi onde é que Wittgenstein não ousou. Fui ver os seus *Diários* – tenho-o em casa – e pensei que no agnóstico sempre há o temor de descobrir a verdade. Prefere dizer: «Eu não sei, pode ser,

mas... Que a luz venha até mim!» Não posso exprimir um juízo sobre Wittgenstein, sobre o seu fim, sobre onde ele está hoje. Eu admiro-o. Julgo que não se terá dado conta de ser um agnóstico recalcitrante. Podia ter dito: «E se eu subisse até à luz? Por que não subo, expondo-me?». Acho que foi o que eu quis fazer: subir até à clarabóia e olhar. E vi-vos a vocês!

– *Apercebeste-te de que não podias ficar quieto.*

– Se tivesse feito como Wittgenstein, teria sido um repeter. Eu tento sempre ir mais além.

– *A omelete de bacalhau está estupenda.*

– A próxima será melhor.

– *Há um momento n' O Abraço que me parece ser o mais fascinante de todos: tu estás diante desta tribo que estás a estudar, e a dada altura consideras plausível, possível, a hipótese de que o que estás a ver seja uma consequência não só de Deus, mas de um Deus encarnado. Não encerras a questão afirmando que estas pessoas se comportam assim porque estão dominadas por uma neurose coletiva ou devido a uma sublimação dos seus desejos; há um momento no livro em que afirmas a plausibilidade da hipótese. Como é que chegaste a esse momento?*

– Referes-te certamente a uma das últimas passagens, em que faço uma espécie de cálculo: «Esta vida tão bonita que eu queria ter vivido, o estilo de vida desta gente, feito de dedicação, de alegria, este estilo de vida como é que é possível?» Podes ter um clarão. Há pessoas espetaculares, maravilhosas, que têm como que clarões, mas depois decaem. Mas tu vês estas vidas, eu acompanhei durante dois anos estas vidas, estas pessoas (no livro são personagens, mas são pessoas), famílias, e sei que isto é impossível a não ser por um milagre. E é um milagre esta família, outro milagre aquela pessoa. Há milagres por toda a par-

te. E isto é muito misterioso. O estilo de vida leva-me a questionar-me: «Porquê este estilo de vida?» Podes ter um *flash* durante um ano ou dois, mas toda a vida... Mas a tua vida, a vida seguinte, vidas como estas existem há dois mil anos. Julgo que os cristãos viveram durante dois mil anos como vocês vivem, embelezando a humanidade, fazendo florescer a caridade, o amor. Os sociólogos não falam disso porque não estão interessados. Não falam de Comunhão e Libertação ou de outros cristãos que eu não conheço, mas que existem, sei que existem porque os encontrei, em irmandades, fraternidades. Então interrogas-te. Poderia explicar uma vida, uma vida por um bom tempo – não por toda a vida –, mas explicar as famílias, as vidas, gerações que fazem o bem, que encarnam o bem... Só há uma explicação para este facto: que o que te dizem é verdade, que a verdade é verdadeiramente verdade em ação. A verdade é sempre operativa. A verdade produz vida. Este estilo de vida é produzido por alguma coisa: dizem que é Jesus Cristo. Se eu preciso desta vida, se é objeto de admiração para mim, tenho de olhar com admiração para o motor que move esta vida. E isso é tudo. Então percebes que aquele motor foi humano. Deus feito homem. Só assim podes perceber. Eu fui professor de História Comparada das Religiões. Quero concluir com isto: os deuses que todos nós estudamos são abstrações. Nunca houve uma pessoa que tenha dito o que Jesus disse: «Perdoai-vos uns aos outros, amai-vos, visitai os doentes, dai comida aos famintos, o outro é mais importante que tu, a vida não é [dada] para ser conservada, é para ser dada, e se procurares conservá-la vais perdê-la». Não há em toda a humanidade – pelo menos eu não o encontrei, e imagina se eu não conheço as religiões, li centenas de volumes – alguém que tenha dito isto. E não é só que Je-

sus o disse, é que estas pessoas são aquelas que o seguem. E então tu somas dois mais dois. E dizes: «Tenho de acreditar nisto, este é o Jesus vivo em que eu creio». Em Deus eu não teria acreditado.

– *Porquê?*

– Porque Deus é uma ideia. A filosofia primeiro, a religião e a teologia depois, caíram na armadilha de reduzir Deus a uma ideia. É essa a diferença. Não falamos de Deus. Estamos a falar de um homem que era Deus, que nos ensina onde temos de ir.

– *Lembro-me do dia em que tu nos disseste: «E se fosse verdade que Jesus ressuscitou?» Estavas a lutar com a veracidade daquele testemunho.*

– Há um momento em que és obrigado a perguntar-te: «Como é que podem enganar-se todos juntos ao mesmo tempo?» Também os inimigos sabiam. E não O conheciam. João e André andavam com ele, mas não O conheciam. «Mas é o mestre». Estiveram juntos dois ou três anos com o mestre. Uma pessoa saíria tão transformada, depois! Eis o que é a ressurreição. Sabemos que existe a ressurreição. Ressuscitou e disse-nos que ressuscitaremos.

– *Mikel, obrigado por teres escrito O Abraço. Obrigado por este momento de conversa, por tudo o que elaboraste nos últimos anos.*

– Eu é que tenho de vos agradecer. Agradeço-te por teres estado ao microfone nestes quatro, cinco, seis anos. Foi fulminante. Eu é que tenho de te agradecer, Fernando. Aquelas transmissões trouxeram-nos aqui. Nunca te vou agradecer o suficiente.

– *Eu é que nunca te vou agradecer o suficiente por aquilo que significou conhecer-te e aprender.*

Obrigado, Mikel.



Conclusão

por Julián Carrón

Como Azurmendi, cada um de nós é convidado, antes de mais, a *olhar* para aquilo que acontece diante dos seus olhos, para aquilo que está a acontecer agora. Por que razão o sinto tão decisivo antes de mais para nós, para a estima que devemos ter por cada um de nós? Porque se não olharmos para aquilo que acontece, para o acontecimento de Cristo que acontece, se não o seguirmos, não podemos caminhar e, portanto, não podemos também dar um contributo aos outros. É em relação ao acontecimento que *acontece agora* que se joga a vida. Tudo o resto é impotente para a mudar. Não podemos substituir o evento por uma explicação, por uma interpretação, por uma doutrina. Isso seria apenas aumentar o nada! E, no fundo, por detrás de tantas discussões está precisamente o nada. Vê-se isso pelo facto de que não nos mudam e acabam por nos cansar. Mas nenhuma discussão pode eliminar aquilo que vimos acontecer em tantas pessoas este verão.

É precisamente diante dos factos que nós fazemos a verificação da nossa disponibilidade para olhar, deixarmo-nos tocar, como vimos em Azurmendi, como aconteceu com todos aqueles que assitiram à cura do cego de nascença, porque não há nada que possa desafiar mais o nosso niilismo, o nosso nada, do que o

acontecer de um evento. Só «uma humanidade nova, diferente, mais verdadeira, mais completa, mais desejável [...] pode abrir uma brecha na nossa consciência de homens, e de homens contemporâneos». É o único facto «que pode ser ouvido como um convite que fascina e liberta». ⁶ Só assim, como acontecimento que se dá agora, na tua e na minha história, é que Cristo se torna experimentável como esperança no presente, como alguma coisa que vence o presente e enche de esperança o futuro.

Reconhecemos isto em muitos testemunhos deste verão. O que será que viu no grupo de peregrinos do Movimento vindos de Itália aquela mulher palestina – contou-o na Assembleia Internacional de Responsáveis –, que considerava o seu nascimento na Palestina uma punição para si e para os seus filhos, para decidir permanecer na sua terra depois de ter desejado durante anos fugir? Teve um encontro que mudou o seu juízo, o seu olhar sobre tudo. Que experiência fez a nossa amiga do Movimento gravemente doente, Xiao Ping, para se tornar no «coração pulsante da comunidade» de Taipei? A ponto de chegar a dizer: «Percebi que, em última instância, a minha tarefa agora não é tanto aprender a estar diante da dor ou da morte que chega, quanto a de usar o tempo que me resta para dizer a todos aquilo que encontrei». ⁷ Ela percebeu qual é a maior urgência do presente.

Como me escreve um de vocês: «Impressiona-me ler nas Laudes de quarta-feira: “Não recebemos um espírito de escravidão, para recair no temor. Onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade”. Cá está, em quem vive

⁶ J. Carrón, *O brilho dos olhos*, op. cit., p. 99.

⁷ «Cartas», *Tracce*, n. 9/2020, p. 2.

esta experiência de libertação do medo e de liberdade, ver-se-á o “brilho dos olhos” que salva do nada». Como nas nossas duas amigas de Belém e de Taipei.

Qualquer que seja o rosto, quaisquer que sejam os traços da pessoa, pode até ter sido o último a chegar, «a autoridade é uma pessoa que, ao ser vista, mostra que aquilo que Cristo diz corresponde ao coração», dizia *don* Giussani – lembram-se da Jornada de Início do ano passado? –, ou seja, vê que Cristo é verdadeiro e vence; e acrescentava: «O povo é guiado por isto»,⁸ não pelas conversetas, pelas discussões ou pelos papéis que uma pessoa desempenha!

Polito expressou a mesma coisa em termos leigos, a propósito das recentes explosões de violência juvenil, que revelam a verdadeira emergência como uma emergência educativa. O que pode responder a isto? Só «“mestres” capazes de tocar no ponto inflamado que se encontra no coração e na cabeça de toda a personalidade em formação, e afortunados aqueles que, uma vez na vida, encontraram algum».⁹

Tocar no ponto inflamado! Pode ter sido uma brisa, diz Giussani: «Porque o Senhor também atua através de leves brisas. [...] Ainda que seja através de uma leve brisa, [...] por um momento, o homem apercebe-se de uma atração, de uma sugestão, tem a intuição de alguma coisa mais bonita, mais correspondente, melhor»¹⁰, desperta nele uma admiração, como dizia Azurmendi.

⁸ De uma conversa de Luigi Giussani com um grupo de *Memores Domini* (Milão, 29 de setembro de 1991), em «Quem é este?», supl. a *Tracce*, n. 9/2019, p. 10.

⁹ A. Polito, «La violenza nichilista tra i giovani», op. cit.

¹⁰ L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019, p. 106.

É aí, a respeito daquele momento, que se joga toda a luta contra o niilismo, no estarmos disponíveis para identificar e seguir aquela “brisa”. Por isso, tudo depende da nossa moralidade, da nossa disponibilidade, ou seja, do nosso amor pela verdade.

A primeira condição do caminho – como vimos – é portanto olhar. «O Evangelho – sublinhava Giussani em 1994 – [...] usa mais de 500 vezes o verbo “olhar” e só 150-180 vezes os verbos “crer”, “amar”, “seguir”».¹¹

Olhar. «Tudo aqui?!». Percebo que para alguns possa parecer muito pouco, com todos os desafios que nos assaltam. Mas não era muito pouco, pelo contrário, para *don* Giussani, que sempre o sugeriu como a primeira e decisiva condição de um caminho verdadeiramente humano. Os mais velhos de nós hão-de lembrar-se de o ter lido no famoso Manifesto de Páscoa de 1992, aquele com o rosto de Marcellino: «A companhia diz-te [...], sobretudo diz-te: “Olha”. Porque em toda a companhia vocacional há sempre pessoas, ou momentos de pessoas, para onde olhar. Na companhia, a coisa mais importante é olhar para as pessoas».¹²

Numa conversa com Giovanni Testori em 1980, Giussani dizia: «Eu não consigo encontrar um outro índice de esperança a não ser a multiplicação destas pessoas que são presenças. A multiplicação destas pessoas; e uma inevitável simpatia [...] entre estas pessoas».¹³

¹¹ L. Giussani, *Il tempo si fa breve*, Esercizi della Fraternità di Comunione e Liberazione. Appunti dalle meditazioni, Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, Milão 1994, p. 24.

¹² «Volantone di Pasqua, 1992, Comunione e Liberazione», in L. Giussani, *In cammino. 1992-1998*, Bur, Milão 2014, p. 366.

¹³ L. Giussani – G. Testori, *Il senso della nascita*, Bur, Milão 2013, p. 116.

A segunda condição é reconhecer – que é o florescer do que está já implícito naquele olhar –. Reconhecer alguma coisa dentro de alguma coisa, como fez o nosso amigo Mikel após três anos de convivência com as pessoas do Movimento em Espanha. Mas para reconhecer é preciso uma *lealdade* de fundo, se não quisermos que seja válida também para nós a amarga constatação de Jesus na parábola dos dois filhos, que leremos no Evangelho deste domingo. Quem é que fez a vontade do Pai? Aquele que reconheceu os factos através dos quais se manifestava a vontade do Pai! «Jesus, porém, respondeu-lhes: “[...] os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no reino de Deus. Pois João veio a vós no caminho da justiça, e não lhe destes crédito, mas os publicanos e as meretrizes lho deram; vós, porém, vendo isto, nem depois vos arrependestes para crerdes nele”».¹⁴

Tudo para Jesus se joga na disponibilidade para reconhecer aquilo que acontece. Mas por que é que são necessárias uma disponibilidade, uma lealdade? Porque «o Mistério, o destino comunica-se ao homem através de uma carne, através de uma realidade de tempo e de espaço, segundo uma modalidade física das coisas, segundo circunstâncias concretas, que conservam toda a fragilidade e aparente futilidade das circunstâncias naturais, como, para os olhos dos fariseus, eram Cristo, a sua família, aquilo que fazia, aquilo que dizia. Chama-se fé o reconhecer este método, porque se trata da inteligência do homem que reconhece, na aparência determinada, uma presença grande. Na aparência determinada trata-se, naturalmente, de reconhecer a grande presença da origem [como vimos testemunha-

¹⁴ Mt 21,31-32.

do pelo Mikel], da consistência última (“tudo n’Ele consiste”), do destino. [...] Se não se torna circunstância concreta próxima de mim, o grande mistério da Igreja permanece vão e à mercê da minha interpretação, do meu sentimento, do meu capricho, da afirmação de mim».15

Como é que Cristo bate hoje à porta de cada homem, da tua e da minha humanidade?

«Como seria abstrato também o Jesus de André e João, se não se concretizasse agora – agora! –, neste momento, na Sua presença dentro do mistério do Seu corpo – dentro do mistério da Igreja –, que cada um de nós constrói “como pedra viva”, diz a Liturgia. [...] Mas, perguntemo-nos ainda: *como* é que este Corpo misterioso de Cristo (“misterioso” porque a sua forma profunda escapa à nossa imaginação), esta Igreja viva, que é o Seu corpo – como Ele disse a São Paulo: “Saulo, Saulo, por que *Me* persegues?”, e Saulo nunca O tinha visto; ele perseguia os cristãos. E a voz de Cristo diz-lhe: “Saulo, Saulo, por que *Me* persegues?” – *como* é que, portanto, esta realidade do mistério de Cristo se comunica ou, conforme a expressão do Apocalipse, “bate à porta” de cada homem chamado à fé? [...] Na vida da Igreja!». Continua *don* Giussani: «Mas, quando uma pessoa encontra um rosto diferente dos outros – um rosto em que o mistério de Cristo e a pertença à Igreja mudam a maneira de olhar, de sentir, de tocar, a forma de nos relacionarmos com as pessoas e as coisas – e fica de boca aberta a olhá-la, como João e André com Cristo, então é *uma ocasião particular*,

15 L. Giussani, *La familiarità con Cristo*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2008, pp. 108-109.

interessante. O Espírito de Deus é livre alcançar uma pessoa, ou uma outra pessoa, dotando-a de uma facilidade em pensar cristamente, de uma hilaridade em sentir cristamente, de uma generosidade em construir cristamente, de modo a que todos os que se aproximam dessa pessoa, de alguma maneira, são tocados. Pois bem! A forma extrema com que podemos ser tocados pelo permanecer de Cristo na história é aquela segundo a qual o Espírito Santo, o Espírito de Cristo, nos faz encontrar alguém que, ao segui-lo, a fé se torna mais clara, e a afeição à fé mais facilmente intensa, e a vontade de difundir o Reino de Cristo mais consciente e mais facilmente criativa. Isto chama-se *carisma*: é o *acontecimento do carisma*».16

Nós estamos aqui por isto, pelo «acontecimento do carisma»; estamos aqui por este acontecimento «vivo», «hoje», como nos provam o testemunho de Azurmen-di, os das amigas de Belém e de Taipei, de tantos outros que eu não citei e daqueles que todos podemos ter diante dos nossos olhos; se fosse «ontem», já não seria acontecimento e não teria a capacidade de nos atrair, de nos mudar. Porque «fora deste “agora” não existe nada! O nosso eu não pode ser movido, comovido, ou seja, transformado, a não ser por uma contemporaneidade».17 Se este acontecimento não fosse hoje, não estivesse vivo, tínhamos nas mãos apenas a doutrina, uma doutrina extraordinária, mas ainda assim uma doutrina. E nenhuma doutrina é capaz de vencer o niilismo que nos “devora” a alma.

16 L. Giussani, *Il tempo si fa breve*, op. cit., pp. 35-36.

17 L. Giussani, «Cartaz da Páscoa, 2011, Comunhão e Libertação», clonline.org

«Caro Julián, nestes tempos tenho-me perguntado muitas vezes: o carisma de Giussani é um carisma vivo ou uma doutrina morta? Se fosse o segundo caso, estaríamos numa situação semelhante à verificada depois a morte de Hegel: haveria apenas o debate entre os “velhos” e os “jovens” hegelianos, o jogo das suas interpretações. Eu estou há quarenta e sete anos no Movimento e há quarenta no Grupo Adulto; e sinto ainda um aperto no coração quando me lembro de como fui várias vezes salva do abismo do terrorismo e do fascínio obscuro do niilismo pela comovente racionalidade de *don* Giussani. Mas sinto o mesmo aperto do coração agora, quando transformas em mim a tensão para o nada no desejo da vida, “elevando a fasquia”, com um amor pela minha vida e pela vida dos pobres desesperados deste mundo, com uma afeição que pega no coração esquecido e dilacerado dos homens e o chama a ser um eu. O cristianismo é uma teoria ou o advento do amor de um pai também hoje, nesta cultura que leva jovens de dezoito anos a suicidar-se sem um motivo aparente (como aconteceu a um aluno meu muito querido)? Tenho uma irmã de quase setenta anos, abandonada pelo marido há mais de trinta anos, sem filhos, que lutou contra um tumor e agora tem Parkinson. Leu imenso, de Marx a Husserl, de Tolstói a Barthes, de Simenon a Borgna. Há alguns dias, falou-me d’*O brilho dos olhos* como sendo um livro importante para a sua vida, e quando lhe perguntei o motivo, respondeu-me: “Porque me fez descobrir aquilo que eu sempre escondi de mim mesma: o meu niilismo. E agora quero seguir em frente”. Um sinal da presença do carisma de *don* Giussani hoje é para mim precisamente esta inteligência amorosa da tragédia do nosso século, porque, ao mes-

mo tempo que nos faz assumir a consciência da falta de sentido que nos domina, reacende em nós a consciência de sermos filhos».

Abordámos estas coisas no capítulo 6 d' *O brilho dos olhos*, em particular nos primeiros três primeiros parágrafos. Cada um poderá voltar àquelas páginas, que serão o objeto do nosso trabalho de Escola de Comunidade nas semanas de de novembro.

«Não basta, no entanto – dizia eu ali – que exista esta paternidade presente, é necessário que eu esteja disponível para me deixar gerar por ela. Da disponibilidade de sermos filhos depende toda a fecundidade da nossa vida. “É o que Jesus dizia a Nicodemos: ‘É preciso nascer de novo’”. [...] Quem aceita segui-Lo, tornando-se filho, ficará surpreendido com a novidade de vida que começa a acontecer na sua vida».¹⁸

São os votos que trocamos entre nós neste ano que começa, dramático e belo.

Esperamos que o Pai nos encontre disponíveis para seguir aquilo que aconteceu em *don* Giussani e que continua a acontecer graças ao método constantemente sublinhado por ele – ninguém gera se não é gerado –, porque era o Espírito que agia nele e através dele. Cada um de nós deve sentir-se pessoalmente responsável por esta disponibilidade. Sejam amigos, atentos em sustentar-nos no «sim» que cada um de nós é chamado a dizer a Cristo, cuidando cada um do destino do outro!

¹⁸ J. Carrón, *O brilho dos olhos*, op. cit., pp. 134-135.

